

Como a África do Sul nos agride

● Documentos reveladores da interferência sul-africana

Documentos encontrados pelas FPLM durante as operações em Garágua provam sem margem para qualquer dúvida como os bandidos armados são uma extensão do exército sul-africano.

É com base nas informações contidas nesses documentos, de que divulgamos importantes passagens em primeira mão, que o jornalista Alves Gomes elaborou o presente artigo.

É dia 28 de Novembro de 1980 e, numa pequena localidade da África do Sul, tem lugar «um jantar muito especial». A ele está presente um brigadeiro do exército sul-africano, que se faz acompanhar pelo Coronel Charlie Van Niekerk, para se discutirem assuntos relacionados com as operações militares a decorrerem no interior de Moçambique.

O jantar, por caricato que pareça, decorreu na «casa preta» (1). De acordo com a denominação que lhe é dada num dos quatro documentos em nosso poder e que foram escritos pelo punho de dois «secretários» de Afonso Dhlakama, o «chefe» dos bandos armados que actuam no nosso país.

Reveladores da simbiose que existe entre o exército sul-africano e estes grupos, os documentos, encontrados numa latrina de um dos refúgios abandonados em desbandada durante as operações das FPLM em Garágua, na província

de Manica, mostram igualmente de forma inequívoca quem comanda e dirige as operações militares que têm ceifado inúmeras vidas, criando insegurança e terror e destruindo importantes projectos económicos e bens das populações.

Foi durante o jantar descrito no relatório datado de 28 de Novembro que em resposta ao Coronel sul-africano, Dhlakama afirma que «tudo dependia deles (sul-africanos) e que eles são neste momento como os nossos pais. Visto isso esperamos que a vossa ajuda seja mais forte e firme...

«O jantar, conforme se depreende do documento, celebrava ainda a transferência de uma base de treino dos bandos armados «para perto da Rádio», o que justificou o facto de Niekerk acompanhar o «brigadeiro e comandante da rádio Voz da África Livre». Em jeito de «presente» foi então anunciado pelo brigadeiro sul-africano que «existem muitos planos para alar-

gar a instalação da voz, para que venha a alcançar muitos países africanos».

UMA MÁSCARA

A leitura dos documentos que agora divulgamos dão, de forma esclarecedora, corpo às constantes acusações feitas tanto pelo Governo moçambicano, como por outros países da Linha da Frente, de que os bandos armados são um prolongamento do exército sul-africano. Deles se depreende que a África do Sul não dá somente apoio, mas exige resultados do material que entrega a estes grupos de bandidos, define alvos, impõe regras de disciplina e de responsabilidade como que de um destacamento das suas forças se tratasse.

Durante o repasto que teve lugar na «casa preta» o Coronel Charlie coloca os seus homens perante «as dificuldades de reabastecimento, visto que os aviões não podem carregar muita coisa e apontou o problema de pára-quadras que não se arranjam com muita facilidade».

Numa outra altura, em 4 de Novembro, um dos elementos que faz a ligação com os bandos armados, Orlando Cristina, sugere que se deve «destruir a power line (linha de energia) transportadora de energia de Cahora Bassa à África

do Sul para mascarar a ideia de existência de apoio sul-africano à RNM, uma vez que a importância desta para a África do Sul é de 7 por cento».

A presença física da África do Sul nestas actividades é um factor comprovado igualmente nestes documentos, embora durante as operações de Garáguas se tenham descoberto passaportes de elementos portugueses e sul-africanos, que têm participado em operações no centro de Moçambique.

O início desse envolvimento é confirmado por «Charlie» quando no dia 28 de Novembro lembra ao seu colega Brigadeiro que precisa «alguns homens, técnicos e instrutores para dar instrução aos nossos soldados em armas pesadas e principalmente serviços de sabotagem (...) instrutores que virão da África do Sul não serão somente instrutores, mas também participarão em trabalhos gerais na base, tanto como contactos e ataques».

Demonstrando o cuidado de não deixarem transparecer qualquer evidência do seu envolvimento directo, os sul-africanos prometem promover as figuras da «resistência» publicando e divulgando informações na imprensa de forma a que «sua excelência o comandante supremo seja conhecido como um cidadão de honra no país deles».

Dhlakama, o sujeito descrito como «comandante supremo» reconhece o carinho que recebe da África do Sul e em 25 de Outubro de 1980 agradece o «sacrificado trabalho de evacuação de sua esposa do Zimbabwe para a África do Sul», após a assinatura dos acordos de Lancaster House. Na mesma data e de acordo com o documento que descreve esse encontro, ele afirma: «vós sul-africanos, meus pais, vão-me ajudar a escolher homens portugueses que possam tra-

balhar bem com a RNM, porque só conheço o Marques e o Cristina da Rodésia».

AS ORIGENS

A despersonalização destes homens é uma das características patentes em todos os quatro documentos que estão cheios de passagens onde se atesta, quer a mentalidade da dependência, quer a identidade de «homens de mão» de que os rodesianos ontem e hoje os sul-africanos se servem para pôr em prática os seus planos militares de semiclandestinidade.

Contrariamente ao que se pode supor estes bandos armados não são criados na África do Sul, mas durante o período que se segue à aplicação de sanções pela República Popular de Moçambique ao regime ilegal e racista de Ian Smith. «Foi a nossa resposta», disse-nos em Salisbúria o ex-chefe dos serviços secretos rodesianos, «ao apoio que Moçambique dava à ZANU».

Justificando que «em tempos de guerra tudo é permitido», este ex-membro da elite do regime ilegal

de Salisbúria confirmaria ainda que o recrutamento para a criação da chamada «resistência» se baseou em antigos elementos da PIDE, GE(s), COMANDOS do exército português, bem como alguns ex-membros das FPLM, afastados por processos de corrupção.

Em resposta à «Voz do Zimbabwe» os rodesianos criam a «Voz da Quizumba», emissão radiofónica que vai para o ar, a partir do meio de 1976, com textos elaborados pelos serviços secretos da Rodésia. Fica responsável por este serviço, o antigo secretário e guarda-costas de Jorge Jardim, Orlando Cristina.

Cristina viria desde então a desempenhar um papel importante para os rodesianos no recrutamento de pessoas e no fornecimento de informações sobre alvos a atacar em Moçambique durante as incursões rodesianas. Ele pertencia até 1975 aos quadros da PIDE para onde tinha entrado nos finais de 1950, quando ainda «fazia negócios de pesca a partir do Lago

COMANDO GERAL
RELATÓRIO
INTRODUÇÃO: Este relatório refere-se a um encontro num jantar em casa preta junto a delegação da Resistência Nacional Moçambicana e o comandante Charlie e sua delegação.
ASSUNTO: - Actual situação da guerrilha sucessos tidos a delegação pela Europa. O apoio a conceder futura mente por os países do Exterior Africano.
Na noite do dia 28 de Novembro de 1980, a delegação da Resistência Nacional Moçambicana esteve na casa preta num jantar especial preparado por a delegação Exterior Africana na casa preta.
Ao iniciar, o com andante Charlie, fez apresentação dos presentes, começando assim por apresentar o seu chefe Brigadeiro e comandante da Rádio da voz da África livre.
A dada altura, o brigadeiro responsável pela Rádio disse nos que existia muitos planos para alargar a instalação da voz para que venha a alcançar muitos países Africanos. Estão com planos de comprar um aparelho muito potente, o que facilitará que a voz seja ouvida em todos os países Africanos e a Europa. Continuando o brigadeiro disse que estava muito contente pela voz apesar de a voz não se ouvir muito bem nas áreas rurais, ouve-se que os africanos outros meios mais facéis de reabastecer as nossas bases.
Ao intervir o cta, chefe Supremo e Presidente Da Resistência Nacional Moçambicana disse os que de momento, tudo dependia deles e que eles estão neste momentos como os nossos pais visto isso esperamos que a vossa voz seja mais forte e firme. Porque a luta que hoje travamos no nosso país é

Sul Africano...
no volte a acontecer caso idêntico.
Sus Excelência O Comandante Supremo...

«I»
«Casa preta» parece ser o negativo de «Casa Branca» a residência oficial dos presidentes dos Estados Unidos da América em Washington

Niassa», tendo posteriormente realizado uma missão secreta, de reconhecimento das actividades da Frelimo em 64/65, na Tanzania.

Contrariamente ao que afirma o ex-espião sul-africano Gordon Winter, no seu livro «Dentro da BOSS», os bandos armados da «resistência» não são criados na África do Sul e iniciam a sua preparação militar em Bindura, a norte de Salisbúria, sendo porém esta «operação do conhecimento dos serviços secretos sul-africanos e do seu exército». Mas, como nos disseram em Salisbúria, contrariando de novo as afirmações de Winter, «na altura Magnus Mallan não era Ministro da Defesa e quem fornecia apoio era Van Der Berg»,

e devido à fraqueza da rede de abastecimento alimentar moçambicana junto às fronteiras com a Rodésia, o regime de Smith lança os bandos armados, compostos de mercenários portugueses e moçambicanos, contra alvos, como lojas, Grupos Dinamizadores, ou centros de moagem a fim «de criar problemas políticos ao regime moçambicano» como nos explicaram há dois anos em Salisbúria.

A queda do regime rodesiano em Dezembro de 1979 veio desta forma criar o perigo do desemprego para este grupo. Para além deste facto, o seu chefe, André Ma-

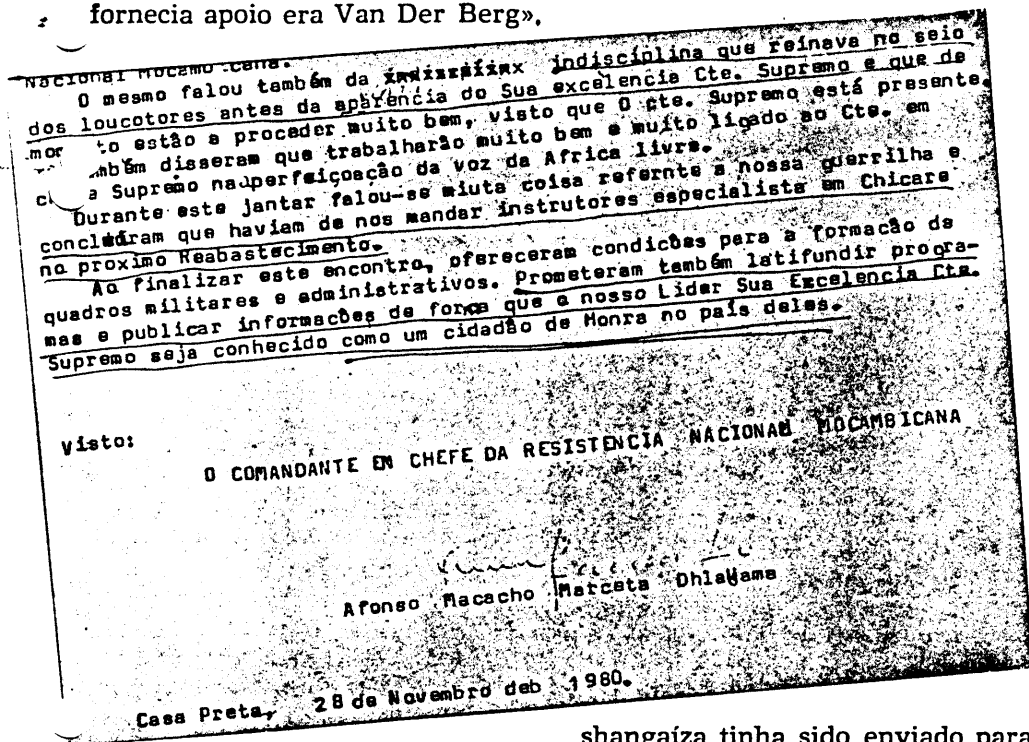
com data de 4 de Novembro de 1980 «constatámos do Orlando Cristina que após a morte do comandante André, os ingleses rodesianos pretendiam dividir a RNM em dois comandos liderados pelo comandante Afonso Dhlakama e pelo Lucas M'hlanga». Era o período de transição em que por um lado os rodesianos sabiam estar contados os dias do seu regime (decorriam em Londres as conversações de Lancaster House) e por outro, viam-se confrontados com um sem número de contradições internas dentro desta extensão do seu exército.

É o próprio Dhlakama quem afirma em 9 de Novembro de 1980 que «quando morreu André, a RNM estava a caminho de uma total destruição, porque havia uma ideia generalizada de que a luta era o comandante André». Ainda nesta ocasião ele define o seu grupo: «na Rodésia éramos oprimidos pelos rodesianos, não tínhamos um líder na nossa organização para negociar diversas questões (...) nem eu, nem o comandante André marcávamos as operações. Os ingleses rodesianos é que determinavam as áreas a atacar e recrutar, determinavam também o limite a recrutar com promessas de 300 a 500 dólares (rodesianos)».

Para além de serem uma demonstração de quem mandava nos tempos da Rodésia, as «contradições» apontadas indicam por outro lado o carácter mercenário e de banditismo que assumiam as acções armadas praticadas pelos bandos da RNM no período que vai de 1976 a finais de 1979. A partir de então, em Fevereiro de 1980 quando se confirmava a vitória eleitoral da ZANU do Presidente Mugabe, estes homens começam a ser evacuados para a África do Sul, juntamente com os arquivos pessoais de Ian Smith e do Comando das Operações Conjuntas do exército rodesiano.

A partir de Phalaborwa e de Zoabostad na África do Sul, estes grupos são de novo infiltrados em território moçambicano, onde começam a operar com maior intensidade desde Setembro/Outubro de 1980.

Os alvos que estes grupos atacam passam a ser diferentes, embora se mantenham os métodos de



na altura o chefe da BOSS — os serviços secretos sul-africanos (2).

A chegada à Rodésia de homens como Cristina, André Mashangaíza, Orlando Macamo e outros, vem fornecer a matéria-prima que iria permitir aos rodesianos dar conteúdo àquilo que chamavam de «guerra da comida». Nessa altura

shangaíza tinha sido enviado para a morte pelos curandeiros da zona da Gorongosa, que actuavam como seus conselheiros espirituais, em resultado dos crimes cometidos pelos bandos armados junto à população dessa zona.

NOVOS PATRÕES

Conforme se confirma num dos documentos a qui apresentados,

(2) Gordon Winter um ex-espião sul-africano agora refugiado na Inglaterra escreveu um livro que foi posto à venda em Outubro do ano passado, onde afirma que quem criou os bandos armados foi o exército sul-africano, na pessoa de Magnus Mallan o seu Ministro da Defesa. Na altura em que estes grupos aparecem, Mallan não era ministro, pois este posto era ocupado pelo actual Primeiro-Ministro de Pretória, Pieter Botha. A versão de Winter foi nos desmentida em Salisbúria por várias fontes que afirmam que embora tivesse havido a colaboração sul-africana na criação dos bandos armados, ela veio da BOSS e não do exército sul-africano

do geral
o secretário chefe
Raul Manuel Domingos

10 de Novembro de 1980
José Domingos

que o caso reportado
modo de leitura de diversos programas.

Surestos dadas por Orlando Cristina

Além de mais importante
ca também a ser not
heróis presos

criar a linha de transporte
destruir a linha de transporte
indicar ao sul para o interior
Município de Moçambique uma vez que

comandante no dia dia 5 de Novembro
R.M.M. no exterior em Zombotid-R.
Constatamos do Orlando Cristina que
responsabiliza pelas despesas, as des
deve haver um indivíduo que se trate

Também constatamos do Orlando Cristina
identificar Andre dos Anjos Rodesianos
em dois comandos liderados por comendante
Alfonso Djalckana e R.M.M.
Um pelo que suscitou a preocupação do com
entre as linhas e o outro pelo que se trata
de Orlando Cristina confessa ter plane
publicar a liderança do comendante Alfonso Djalckana que
su poder a imprensa uma foto do cte. Alfonso Djalckana que
de importantes acontecimentos do interior. Apelou diversos

em troca dos mesmos, aos gover-
nos dos seus países, um determi-
nado montante em dinheiro, ou
ajuda material pela sua liberta-
ção».

As regras do jogo ficam assim
claras e, os crimes praticados em
Dezembro passado contra dois co-
operantes portugueses que viaja-
vam entre Chimoio e Tete consti-
tuem apenas um elemento físico
para a teoria sul-africana. No caso
de John Bullison, o cooperante
britânico raptado na Gorongosa em
Dezembro passado, a chantagem
utilizada por este grupo dos sul-
africanos foi a de que os jornais
ingleses publicassem notícias afir-
mando que a operação tinha sido
realizada pela «resistência», em
troca da libertação do elemento
raptado em dez dias. Contudo, pas-
saram-se desde então praticamen-
te três meses sem que essa pro-
missa se tenha realizado.

Outra das recomendações feitas
por Cristina era «atacar cidades
através de alguns obuses de mor-
teiros para criar maior impacto
ao nível nacional e internacional». Esta recomendação tem sido posta
em prática, como aconteceu recen-
tamente em Inhanga, mas ao
mesmo tempo mostra que «não
existe qualquer estratégia militar
que não seja a de provocar o pâ-
nico, porque só se ataca uma cida-
de quando se tem capacidade mi-
litar para a tomar».

O Adido Militar de um país da
Linha da Frente que nos fez esta
declaração, acrescentou que «este

assassinar as populações pelo corte
dos lábios e outras partes do cor-
po, a violação de mulheres, os rap-
tos de jovens, os crimes contra
deputados das Assembleias do Po-
vo, a destruição e incêndio de lo-
jas. Mas, um novo tipo de opera-
ção e de alvos surgem, nomeada-
mente as linhas férreas que ligam
Moçambique ao Zimbabue, aliado
às tentativas de se provocar o pâ-
nico entre os cooperantes a tra-
balharem no nosso País.

O apoio logístico passa a ser
feito, como o comprovam os do-
cumentos, de avião, inicialmente,
havendo agora indicações de que
o exército sul-africano já «colocou
a sua marinha ao serviço destas
operações». Em Garágua no ano
passado e em Espungabera em
1980, foram encontradas inúmeras
provas da presença de aviões e
helicópteros sul-africanos, bem co-
mo dos «instrutores» a que o Co-
mandante «Charlie» se refere.

É perante a ineficácia dos ban-
dos armados em conseguirem rea-
lizar certo tipo de operações que
os sul-africanos se vêem forçados

a utilizar comandos seus, onde in-
cluem ex-membros dos «Selou
Scouts» rodesianos experimen-
tados em agressões a Moçambique.
Isto acontece, conforme nos afir-
mou uma fonte militar, nos reben-
tamentos das pontes sobre o Rio
Púnguè, das bóias do porto da
Beira e em Doéroi, onde três ex-
-membros do exército rodesiano
perderam a vida.

BANDIDOS

A característica de grupos de
criminosos que tem este prolonga-
mento do exército sul-africano
evidencia-se em parte com os mé-
todos a que recorrem para matar,
torturar e assaltar os seus alvos.
Este tipo de actuação foi estendi-
do aos cooperantes como se deduz
das recomendações feitas por Or-
lando Cristina em 4 de Novembro
de 1980, quando propõe em nome
dos sul-africanos que se consiga
«presos estrangeiros e exigir-se

método é utilizado pelos grupos de bandidos em muitas partes, mas que provoca um tal ódio entre as populações que elas acabam por organizar caçadas ao bandido, quer o seu campo de acção seja um bairro, ou um país.

A recente visita do Presidente Samora Machel às províncias de Inhambane e Gaza vem comprovar esta afirmação. Durante a mesma as populações pediram que lhes fossem fornecidas armas para que possam defender-se contra as atrocidades que os bandidos cometem em algumas zonas daquelas províncias.

GANGSTERISMO

O tipo de comportamento que se abate sobre as populações que têm a infelicidade de se encontrarem com os bandos da «resistência» têm as suas origens, as suas raízes, as suas ramificações, dentro do próprio «gang» que leva a cabo as operações dos sul-africanos dentro de Moçambique.

«O Cristina — lê-se no documento datado de 25 de Outubro de 1980 —, confessou ter planeado o assassinato do Lucas (M'hlanga) e fez conhecer a liderança do comandante Afonso, mandando publicar na imprensa a foto do comandante A. Dhlakama que tinha em seu poder». Esta é sem dúvida uma referência às origens do desaparecimento de um dos candidatos a substituir André Mashanga, após este ter sido gravemente ferido pelas FPLM em Outubro de 1979 durante uma operação de limpeza na Gorongosa.

Mas, o desaparecimento de Lucas não é o único. Muitas outras pessoas desapareceram em resultado das lutas pelo poder, pelo privilégio de se beber à mesa do Comandante Charlie na «casa preta». Um dos outros casos é o de um elemento de nome Orlando Macamo, conhecido marginal e autor de vários crimes em Maputo, que foi «liquidado» por Dhlakama por ser originário da zona sul do país». Este indivíduo era adjunto de André e após o seu assassinato foi substituído por um elemento da mesma tribo de André, Afonso Dhlakama.

Umaz vezes acusados de «não serem aplicados», outras de esta-

rem a tentar «tomar o poder», são inúmeros os casos de eliminação de personagens no interior deste grupo. Daí que Cristina refira no documento datado de Outubro de 1980, a necessidade «de protecção da vida e da figura leal e honesta de sua excelência o comandante supremo».

Para além de ter pertencido aos quadros da PIDE, Orlando Cristina foi enviado várias vezes para a cadeia por Jorge Jardim devido a mau comportamento. Ele é enviado para o Malawi por Jardim, para ali, combater «a guerrilha de Chipembere», tendo posteriormente superintendido à formação dos grupos juvenis «Young Pioneers». Em Moçambique de 1966 a 1974 Cristina era conhecido como «homem de mão» que Jardim usava para os seus golpes mais sujos.

Ligado a homens como André e Dhlakama, demitidos das FPLM por corrupção e desvio de bens quando trabalhavam juntos na «Intendência» na Beira, Cristina tem oportunidade de, primeiro na Rodésia e agora na África do Sul,

actuar como chefe espiritual do «gang». Ele «reuniu os homens com quem se identificava» explicou-nos um ex-funcionário rodesiano em Fevereiro de 1980 sobre este «homem que nem grande respeito tem pela vida dos seus familiares».

LEI DOS ESPÍRITOS

Naquilo que só pode ser descrito como imagem aproximada da verdadeira face desta extensão do exército sul-africano, o documento de 9 de Novembro, que relata um encontro entre Dhlakama e os seus homens ao apresentar-se como novo chefe, refere como sua, a seguinte afirmação: «muitos ficaram com medo, supondo que me iria vingar dos que me odiavam quando eu era adjunto (...) não tenho nenhum erro grave, nem para os espíritos nem para com os combatentes».

A apologia dos espíritos, o obscurantismo e superstição é, como o comprovam os vários documen-

Anc, etc. trabalhávamos praticamente para os ingleses; recordem-se que nem eu nem o falecido cte. André marcava as operações. Os ingleses Rodésianos é que determinavam as áreas e etapas a recrutar, determinavam também o limite a recrutar com promessas de 300 a 500 dólares. Mas hoje as coisas mudaram já não são os Rodésianos a determinar as acções a desenvolver, São Mocambicanos e sob o meu comando e o mundo sabe disso. Atendendo o desequilíbrio e caos em que se encontra o governo de Machel devido as nossas acções o mundo pretende conhecer o líder da R.N.M. Sua excelência Friso a necessidade de escutar os noticiários e os programas da Voz de África livre.

Há indivíduos que são doutores em Portugal que se intitulam de líderes da R.N.M. ançariam fundos que utilizam em seu benefício próprio. C as recentes mensagens da voz da África livre sabemos que estes indivíduos sentem-se envergonhados visto que está anunciando ao mundo que o verdadeiro líder da R.N.M. é o Afonso Macacho Marceta Dhlakama e que irá ser apresentado nos países da Europa brevemente. Um destes indivíduos é o Domínios Arouca que através da informação constatamos que na semana passada arrentou uma bomba na sua viatura. Orgulhamos por isso pois podemos afirmar que os espíritos da R.N.M. actuam tanto no interior como no exterior sobre qualquer grupo ou indivíduo que pretende minar o progresso da R.N.M.

Sua Excelência apontou mais um exemplo idêntico. Quadros com os cultos e porque está a roubar tudo que não quer a cultivar para depois minar colher.

São poucos que possuem esta sábia mentalidade disse Sua Excelência pensam que não vivo no estrangeiro por que sou ignorante. Alguns preparam drogas para me assassinar que é para assumir meu cargo, para gozar do direito que me confere esse cargo; para viver em hotéis de luxo em países estrangeiros.

Hoje estou aqui no exterior, mas sinto que sou o comandante em chefe porque sei que as minhas forças têm a minha presença. Tomo estas medidas para melhor conduzir a luta, pois que podemos «naufragar o barco a beira do Porto»

Neste ano morreram muitos combatentes entre os quais comandantes e chefes, muitos por questões de drogas outros ficaram alejados, tudo isso na base de luta de Poder»

os, parte da vida dos chefes destes bandos. Até o facto de uma das viaturas de Domingos Arouca (que vive em Lisboa) ter sido alvo de um atentado bombista serve para Dhlakama «avisar» os que lhe querem fazer mal.

«Um destes indivíduos é o Domingos Arouca que através da informação constatámos que na semana pasada (Doc. de 9 de Nov.) arreventou uma bomba na sua viatura. Orgulhamo-nos por isso, pois podemos afirmar que os espíritos da RNM actuam tanto no interior como no exterior, sobre qualquer grupo ou indivíduo que pretende minar o progresso da RNM».

Várias pessoas que escaparam a estes grupos afirmaram-nos que normalmente «os bandidos matam as pessoas dizendo que os espíritos os avisaram que são espiões, ou que vão trair, ou que um dia vão voltar para o Grupo Dinâmico». Uma destas testemunhas afirmou-nos que em Outubro passado vira, não longe de Garáua, «Dhlakama a matar uma mulher a tiro dizendo que era traidora. Na verdade ela tinha-se recusado a dormir com ele».

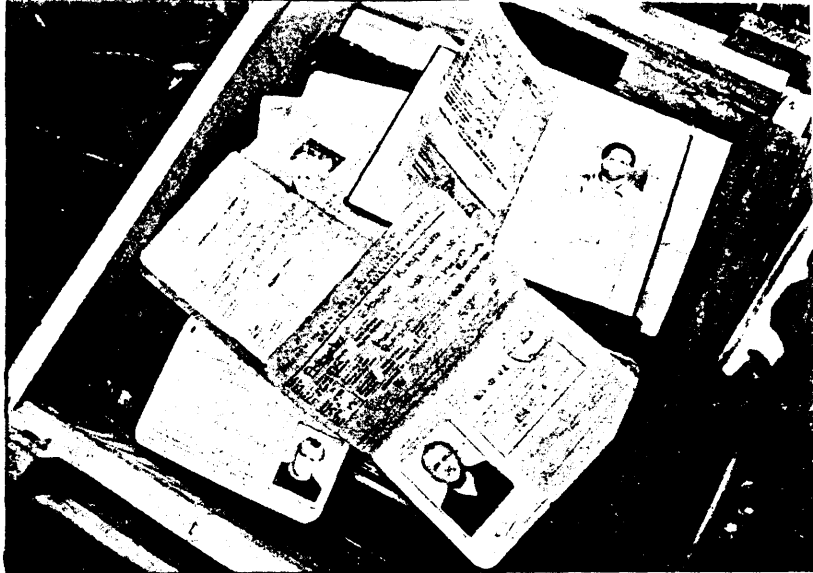
Comprovando de certa forma estas afirmações o documento de 9 de Novembro que relata a conversa que Dhlakama teve então com os seus homens revela a existência de perigos à volta do «chefe supremo»: «alguns preparam drogas para me assassinar que é para assumirem o meu cargo, para gozarem o direito que me confere este cargo para viverem em hotéis de luxo em países estrangeiros».

LIGAÇÃO, MEDO E PROSTITUTAS

Numa outra altura este personagem admite que «este ano (1980) morreram muitos combatentes entre os quais comandantes e chefes. Muitos por questões de drogas, outros ficaram aleijados. Tudo isso na base da luta pelo poder».

A ambição, as pequenas intrigas, o espírito de medo daqueles que têm maior formação académica é também factor de divisão e ameaças como se refere numa passagem deste documento. «Há indivíduos que são doutores em Portugal (uma referência aos portavozes das acções sul-africanas)

Foto dos passaportes de alguns dos «instrutores» sul-africanos que actuaram em Moçambique no ano passado



que se intitulam de líderes da RNM, angariam fundos que utilizam em seu próprio benefício».

Ao mesmo tempo os documentos dão ainda conta de constantes problemas de indisciplina, fazendo-se referência a um «caso arrepiante» em que um «dos nossos locutores, conhecido como Júnior, mandou passear o seu director (...) além de recusas sistemáticas de leitura dos noticiários».

Nas notas de 25 de Outubro referentes às instruções recebidas do comandante Charlie, «o sul-africano ao serviço da informação falou do mau comportamento do Charles ao pedir dinheiro à esposa de sua excelência o comandante supremo». Mais tarde, em 9 de Novembro também os sul-africanos reclamam os problemas provocados pela prostituição, o que merece um apontamento que faz notar que isso «pode comprometer politicamente o país que nos apoia».

A BÊNÇÃO RACISTA

A ligação existente entre a África do Sul e os bandos armados que vêm actuando em território moçambicano não é difícil de se definir, mesmo tomando-se em conta o tipo de pessoas que compõem esta extensão do exército do regime do apartheid. Com efeito o enquadramento deste grupo deve ser entendido de acordo com a estrutura do exército sul-africano que comporta unidades inteiramente compostas por mercenários, caso dos Buffalos que actuam na Namíbia e no Sul de Angola, ou de grupos mistos de soldados regula-

res e mercenários que fazem determinado tipo de operações, como aconteceu em relação ao ataque da Matola em Janeiro do ano passado, ou na tentativa de golpe de estado nas Seychelles que decorreu em 25 de Novembro de 1981.

Embora a propaganda sul-africana tenha tentado apresentar este grupo como uma «força anti-governamental», a verdade é que a pouco e pouco esta imagem vai perdendo força, sobressaindo cada vez mais a mão de Pretória em cada acção que é reclamada por este seu grupo chefiado pelo «chefe supremo». Aliás nada mais se podia esperar do bando deste homem que reclama que tem «14 anos de guerra e (...) uma experiência que todos vocês devem aproveitar», quando na verdade apareceu somente de passagem numa base das FPLM em Manica, em Outubro de 1974 e logo no ano seguinte, quando se encontrava na Beira, foi alvo de uma acção disciplinar por desvio de bcns.

As ligações deste grupo que nasceu na Rodésia de Smith, com o regime de Pieter Botha são mais do que evidentes e comprovativas de que o regime de Pretória leva a cabo uma guerra não declarada contra Moçambique. Talvez por esta razão os sul-africanos tenham aditado no programa de rádio que fazem em nome destes bandos armados e que foi para o ar no passado dia 8 deste mês que «não recusamos quaisquer ajudas, venham elas donde vierem, até do próprio governo sul-africano».

Alves Gomes